

**Como a televisão influencia nas formas de interagir e nas perspectivas de
reinserção social das mulheres trans do pavilhão LGBTQIA+ da Penitenciária
Desembargador Silvio Porto¹**

Carolina Azevedo Borges²

Dinarte Varela Bezerra³

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o uso da televisão como veículo comunicacional utilizado pelas mulheres trans do pavilhão LGBTQIA+ da Penitenciária Desembargador Sílvio Porto, em João Pessoa. Refletindo sobre o impacto desse formato para elas, utilizamos como método a observação etnográfica com o acompanhamento do grupo de reeducandas que assiste programas de televisão para se informar e distrair no dia a dia. A partir disso, refletir sobre o potencial do jornalismo no âmbito prisional, questionando os conteúdos e compreendendo a força desta ferramenta, que pode mudar a forma que as pessoas se conectam com o meio que estão inseridas e com seu futuro.

PALAVRAS-CHAVE: penitenciária desembargador sílvio porto; televisão; etnografia; lgbtqia +; mulheres trans.

INTRODUÇÃO

A Penitenciária Desembargador Silvio Porto, é um estabelecimento destinado ao cumprimento de pena em regime fechado, localizado no bairro de Mangabeira, em João Pessoa/PB. Apesar de ser exclusivamente masculina, o pavilhão LGBTQIA + é composto majoritariamente por mulheres trans, sendo 12 das 17 pessoas que compõem o pavilhão. O acesso à televisão segue no mesmo padrão do restante da penitenciária: utilizado como recurso de entretenimento e informação, com acesso diário a uma TV, com direito a escolha dos canais. Acesso este, assegurado pela Lei nº 7.210 de 11 de julho de 1984, a Lei-de Execução Penal, que garante o contato com o mundo exterior através de meios de informação que “ não comprometam a moral e os bons costumes”.

De acordo com Malaquias (2008), “Os meios de comunicação, na maioria das vezes, abordam a questão da penitenciária de maneira sensacionalista, na ótica de um discurso preconceituoso e superficial que chega a distorcer a realidade” e isso hoje em dia ainda é muito expressivo. A televisão pode reproduzir discursos hegemônicos e extremistas, mas por outro lado, também abrir caminhos para a transformação, tendo em

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Narrativas contra-hegemônicas associadas às materialidades digitais, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, email:borgescarolinaa@outlook..com.

³ Professor do Curso de Jornalismo da UFPB, email: dinarteb@gmail.com

vista um jornalismo mais humanizado. Ao analisar a televisão nesse contexto, podemos entender de que forma esse meio de comunicação pode impactar a vida de mulheres trans dentro da penitenciária e refletir sobre o potencial jornalístico na reinserção social, explorando a necessidade de rever estratégias de inclusão social que respeitem as identidades e potencialidades desse grupo.

METODOLOGIA

Na antropologia, existe um método de pesquisa que se dá através da observação do outro, a etnografia, que prevê uma análise em profundidade de uma cultura através de um longo período de observação imersiva. Essa abordagem foi escolhida para o presente artigo de modo a explorar a aproximação da etnografia com o jornalismo já que, segundo Matos (2011), “a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa”, desenvolvendo assim, uma forma de saber e fazer jornalismo.

O grupo observado foram as mulheres trans do pavilhão LGBTQIA + da Penitenciária Silvio Porto, mais conhecido pelas reeducandas como “Pavilhão GBT”, nomenclatura antiga mas presente no vocabulário delas e na placa do pavilhão. As relações foram nutridas por mais de um ano e a observação se mantinha através das conversas e participações como fotógrafa convidada em diversos eventos e oficinas, dentro e fora da penitenciária, através do projeto de reinserção social *MoveMente*. A fotografia funcionou como um diário de campo para registrar os momentos delas, dos trabalhos, e de alguma forma retribuir a elas o carinho pelo meu acolhimento e aceitação como uma profissional neste meio tão recluso. O que impulsionou a criação deste artigo foi a frequência com que referências a personagens televisivos, notícias e músicas de novelas atuais surgiam nas conversas enquanto eu estava lá. Assim, iniciar a pesquisa já familiarizado com o contexto delas foi essencial.

Conduzi entrevistas individuais com as mulheres trans da penitenciária, mudando a abordagem e as perguntas dependendo de como a conversa fluía, e permanecendo com a mesma base de perguntas para todas sobre a frequência que assistem TV, o programa favorito, o que não gostam, e questionar se já assistiram algo que se relacione com a realidade que elas vivem.

Ao optar por uma linguagem acessível e próxima ao cotidiano das entrevistadas, abriu-se oportunidades para aprofundar questões conforme as respostas iam surgindo. Essa abordagem segue o princípio discutido por Medina (1986), com a entrevista-diálogo, na qual o entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema. Fugindo da obtenção de respostas pré-pautadas e abrindo espaço para um diálogo humanizado.

RESULTADOS E ANÁLISE

Na pesquisa de campo, foram entrevistadas dez mulheres trans do pavilhão LGBTQIA +, e para garantir o sigilo da identidade delas, utilizamos os nomes “Entrevistada 1 a 10” para identificação de cada uma, e assim construímos os seguintes resultados:

a) Frequência

Uma televisão é disponibilizada por pavilhão, portanto elas assistem juntas uma mesma programação, geralmente no fim do dia quando finalizam suas obrigações de trabalho ou aulas que a penitenciária dispõe. Observamos que 80% delas assistem à televisão diariamente, enquanto 20% assistem raramente devido a costumes rotineiros. Pode-se entender, através disso, que a televisão sempre é consumida como um importante meio para se antenar com o mundo lá fora, e isso fica cada vez mais nítido através das respostas dadas como pela entrevistada 6, “*...assisto todo dia, é só o entretenimento que a gente tem. Fico bem informada sobre lá fora.*”. E mesmo aquelas que não assistem tanto à televisão ainda consomem quando é algum importante acontecimento, como a entrevistada 1 revelou: “*...não sou muito de ver TV, (...), só vejo quando é algo importante, um noticiário.*”. Além disso, no âmbito prisional, a frequência com que assistem TV é maior, já que é o único meio de acesso para o mundo exterior, como a entrevistada 9 mostra: “*...lá fora era mais atendida no celular, às vezes trocava a TV pelo celular.*”

b) Tragédia

O jornalismo atual é marcado por uma lógica de espetacularização do trágico, algo que se ligado ao contexto prisional colide com a Lei de Execução Penal, que prevê

que a programação televisiva “não deve comprometer a moral e os bons costumes”, mas a força da mídia através de catástrofes e violência pode reforçar estigmas e limitar perspectivas de futuro de pessoas dentro do âmbito prisional. A jornalista Mabel Dias se questiona em matéria para o Brasil de Fato PB:

“Continuo com a interrogação se programas policiaiscos podem ser considerados informativos para a sociedade, pois mesmo que se utilizem de práticas jornalísticas, podemos encontrar a presença de conteúdo desinformativo nas notícias divulgadas por seus apresentadores e repórteres e a ausência de ética no momento de divulgar as informações que coletam.”

Essa realidade também é percebida pelas entrevistadas: “*Se eu fosse uma repórter, eu ia fazer a entrevista com qualquer pessoa e eu não ia criticar aquela pessoa pelo ato que ela fez, pelo deslize, não. Eu ia querer saber da notícia.*”, diz a Entrevistada 3, ou também sobre a programação que ela completa, “*é muita tragédia, não gosto não. Gosto mais de coisas produtivas, construtivas.*”. Urge a necessidade do jornalismo sair do superficial, como consta a Entrevistada 8 a respeito dos programas sobre as prisões do Brasil que já assistiu “*Falar das coisas superficial é fácil né, agora falar do que tá nu e cru ali, do que se passa de fato, seria uma coisa mais verdadeira, e não aparecia tão fácil.*” Além disso, em um comparativo com o que se passa na TV, a Entrevistada 6 disse “*quando cheguei aqui achei que ia ser aquela coisa das mulheres trans sendo agressivas umas com as outras, (...) aí pronto, quando cheguei (...), me entrosei, peguei amizade com todas, aí meu pensamento mudou*”.

c) Expectativa

Percebendo o potencial jornalístico como uma possível ferramenta de reinserção social, para não espetacularizar a violência ou o ambiente prisional, mas sim de denunciar realidades específicas e plurais que coexistem na penitenciária, podemos ver nas falas das entrevistadas o gosto pelo jornalismo de qualidade e o potencial que isso pode vir a ser na vida delas, como a Entrevistada 2, “*Muitas coisas que eu assisto no jornal faz eu abrir mais minha mente aqui nesse lugar que a gente tá que é tudo muito sombrio (...) Aqui somos pessoas normais que estão atrás de superar o que já aconteceu, de novas oportunidades.*”. Tendo a televisão, nessa perspectiva como uma válvula de escape para o dia a dia na penitenciária, podendo afetar a vida delas e ainda

ter perspectivas positivas de futuro, como diz a Entrevistada 4 , *“Nos afeta muito as coisas lá de fora e é bom conhecer as coisas do lado de fora e ter vontade de conhecer pessoalmente que é muito bom.”*

Quebrando estigmas sobre pessoas dentro da penitenciária, e conectando as reeducandas com debates sociais relevantes, pode se ver que o jornalismo serve como um meio de obtenção de informações na busca de um futuro mais promissor, a Entrevistada 9 diz que ao assistir TV pensa diferente sobre algumas questões: *“nas melhorias, na questão de economia futura, o que vem de bom pro futuro, sempre aprendendo com o jornal.”*

d) Espelho

Sobre se ver representada, a Entrevistada 6 expõe que: *“quando tá na novela a gente se espelha.”* , e a Entrevistada 4 exemplifica até: *“agora a gente assiste a novela Beleza Fatal,(...) é bom demais ver uma trans na televisão como dançarina e ser bem conhecida da TV, (...) isso é gratificante.”*. Muitas se mostraram emocionadas em ver mulheres trans na mídia televisiva, como a entrevistada 9 diz:, *“é uma das partes melhores, porque a gente tá ganhando espaço e ocupando espaço também”*.

Quando questionada sobre o que faria se pudessem criar um programa, a Entrevistada 2 imagina: *“eu daria mais oportunidades a pessoas assim como eu. Homossexuais, pessoas negras(...) investiria num programa que abrisse a mente do pessoal lá de fora.”*. A necessidade da representação midiática para populações sistematicamente invisibilizadas é escancarada através das respostas das entrevistadas e ao mesmo tempo ressalta a ausência de representações plurais de corpos trans na mídia jornalística, levando em consideração que todas referências que elas trouxeram de mulheres trans que viram na TV, foram de novelas, que representam a ficção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos notar o potencial jornalístico na reinserção social, vendo como um passo necessário a revisão de estratégias de inclusão social que respeitem as identidades, as represente e revele suas potencialidades. Direcionando programas televisivos para além do superficial, com entrevistas de viés etnográfico, construindo um jornalismo mais abrangente, consciente de sua importância, seu reflexo na sociedade

para os mais diversos grupos, e seu papel transformador. É necessário ainda, que esse jornalismo represente a realidade desses grupos compreendendo a necessidade de informar e mostrar caminhos para o acolhimento, educação e empregabilidade.

De acordo com Malaquias (2008), a influência dos meios de comunicação, na prisão, se dá em três níveis. O primeiro, o "consumatório", via fórmula estereotipada prazer/lazer; o que pode ser exemplificado com o tópico "Frequência", o uso demasiado para o lazer diário. O segundo nível, que ocorre na esfera da "instrumentalização", a comunicação é permeada pela ideologia, buscando a manipulação com vistas à subalternização e ao conformismo; no tópico "Tragédia", que discutimos a espetacularização ligada ao contexto prisional. Por fim, advém o "transcurso" da informação por intermédio de um fenômeno de "ressignificação" de seu sentido; o que pode ser traduzido, nesse contexto, com a expectativa, de absorver informações jornalísticas para vislumbrar um melhor futuro para si. Ademais, proponho um quarto nível de influência nesse contexto, que seria o de identificação. A necessidade de ter pessoas trans, racializadas ocupando cargos e espaços na tela da TV.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a **Lei de Execução Penal**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jul. 1984. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17210.htm. Acesso em: 20 mar. 2025.

DIAS, Mabel. **Programas policiais são jornalísticos?**. Brasil de Fato, 10 dez. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/colunista/mabel-dias/2023/12/10/programas-policiaescos-sao-jornalisticos/>. Acesso em: 1 mai 2025.

MALAUQUIAS, Josinaldo Jose Fernandes. **Poder e socialidade: o contexto penitenciário paraibano**. Bauru, SP: Edusc, 2008.

MATTOS, Carmen Lucia Guimarães, e CASTRO, Paula Almeida de, Campina Grande/PB, 2011. **Etnografia e educação: conceitos e usos**. p. 50 Disponível em <https://static.scielo.org/scielobooks/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902.pdf>. Acesso em 20 abr 2025.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista-O Diálogo Possível**, 1986, São Paulo p.15 Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/138009340/Livro-Entrevista-O-dia-logo-possi-vel-Cremilda-de-Arau-jo-Medina> Acesso em 28 abr. 2025